

# Há 117 Anos Campinas Deixou de Ser a Vila

## São Carlos

Do célebre e histórico decreto do Barão de Monte Alegre — Aspectos topográficos de Campinas nos meados do século passado — A reduzida extensão do perímetro urbano — Dados e informações sobre a cidade antiga — Pitoresca denominação de ruas e logradouros públicos

17 anos Campinas deixou de ser a Vila de São Carlos. **Correio Popular**, Campinas, 05 fev. 1959.

CMUHE008826

F.1.

"O Barão de Monte Alegre, Presidente da Província de São Paulo etc. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte: Art. 1.º — Ficam elevadas à categoria de cidade, com a mesma denominação, as vilas de Taubaté, Itu, Sorocaba, Curitiba, Paranaguá e a de São Carlos, com o título de cidade de Campinas; Art. 2.º Ficam revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades e a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província a faça imprimir, publicar e correr. Dado no Palácio do Governo de São Paulo, aos 15 dias do mês de fevereiro de 1842. a) Barão de Monte Alegre". Eis aí o documento comprobatório de uma data significativa, onde a Vila de São Carlos recebia o prêmio pela sua trajetória em direção do progresso, da prosperidade e da civilização. Deixava de ser o lugarejo, o recanto inexpressivo, para ser alguma coisa no grande geográfico brasileiro: uma cidade. A cidade de Campinas. Isso aconteceu há 117 anos. De lá para cá, até este conturbado início de 1959, quantos lustros e decênios de lutas, vitórias, derrotas, heroísmo, civilidade, amor à Pátria, ao Direito, à Justiça, à Arte, à Cultura, ao Trabalho! Passados 117 anos, a cidade de Campinas — este colosso de 1959 — já vai além de cidade, vai à metrópole. Que não para. Que não conhece os minutos. Que não descansa. Que não dorme. Que progride sempre mais.

### CAMPINAS DO SÉCULO XX

Custódio Manoel Alves, presente cidadão conterrâneo, nascido a 4 de março de 1835 e falecido a 29 de janeiro de 1904, bairrista identificado com inúmeras iniciativas progressistas de sua terra natal, é o autor das "Notas sobre Campinas" que abaixo publicamos, documento raro, interessante e de grande valor subsidiário para o histórico urbano da cidade, nos seus primeiros anos de autonomia.

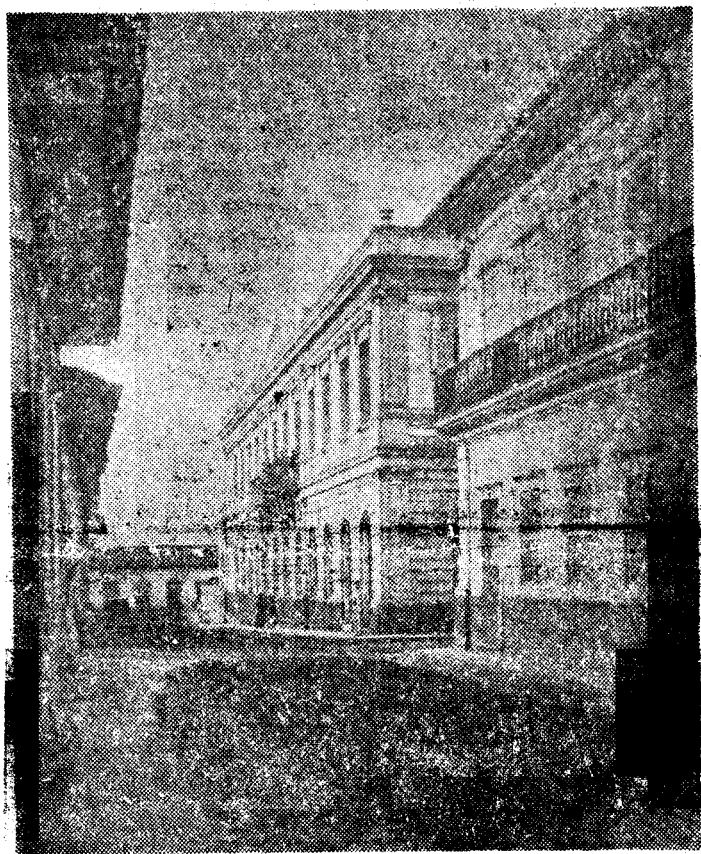
"A Rua do Meio, como se chamava primeiramente, passou a chamar-se depois Rua do Comércio, sendo hoje Doutor Quirino. Por esse tempo, o comércio era todo entre a rua do Alecrim e a de Mogy. Esta Rua do Alecrim, ainda não tinha nome, era conhecido como Rua do Mascarenhas, antigo dono do sobrado do Barão de Ibitinga. A rua que é hoje do Major Solon, chamava-se Rua do Rio, onde se ia buscar água para beber, na Bica

em 1842, no tempo da Revolução, o coronel Bezerra, comandando a força chamada dos Periquitos. Esta força aquartelou-se, parte em casa do Roso, parte em uma pequena casa, que foi depósito de sal, onde é hoje o Tabelionato Pimentel, a outra parte no Mirante, onde é hoje o sobrado Proença e a restante na Cadeia, ao largo da Matriz Velha, justamente onde se está erigindo a estatua de Carlos Gomes.

### APENAS DUAS ESCOLAS PARA MENINOS

Nesse tempo, só haviam 2 escolas para meninos: uma era a escola regia, dirigida pelo professor Custódio Manco, era em uma sala no fundo da Cadeia, onde foi enxovia ultimamente, a qual enxovia tinha sido forrada com tanchões de peroba, pelo carpinteiro Fidêncio Macedo, razão porque a sala de prisão ficou muito acanhada.

A outra escola era dirigida pelo professor Luiz de França



Trecho da antiga rua do Rosário (Francisco Glicério). No primeiro plano, à direita, parte do sobrado que pertenceu à baronesa de Atibaia, seguindo-se outro sobrado, ainda existente, onde se realizou a Grande Exposição Industrial de Campinas, em 1885.

do Juca Aleijado, perto da Ponte de S. Cruz. Hoje não existe tal ponte, por estar a Rua Major Solon toda calçada.

As calçadas, que existiam naquele tempo, eram: — 1.a na Rua do Meio, em parte da quadra, entre a Rua da Matriz Velha e o Beco do Roso, depois Rua do Caracol e atualmente Benjamin Constant; 2.a na Rua da Matriz Velha, entre a Rua do Meio e a Rua de Baixo, depois Luzitana e hoje General Carneiro; 3.a na Rua do Rosário, entre os largos do Rosário e da Matriz Nova.

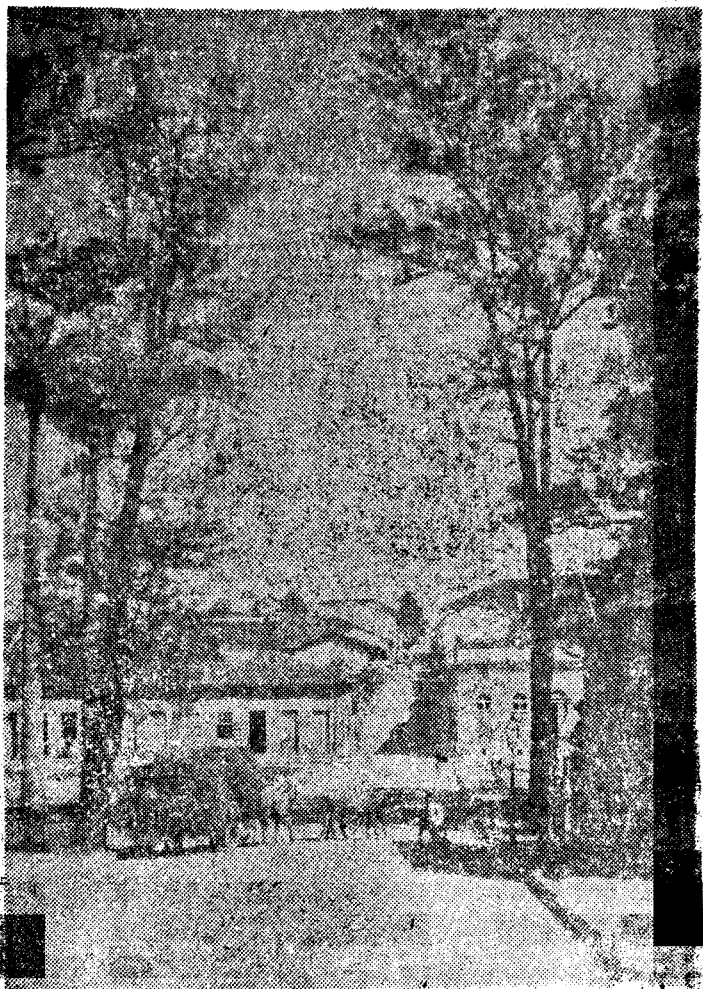
Tais eram as que havia naquele tempo. Passados muitos anos, entre 1848 e 1850, calçaram a rua do Bairro Alto, no trecho compreendido entre a Travessa de Góes e Rua do Portico.

Lembra-me que aqui chegou,

Camargo, de saudosa memória; foi este o professor que ensinou a maior parte dos meninos desta cidade, naquela época. Esta escola funcionava à rua José Paulino, que nesse tempo, não tinha nome algum e só muitos anos depois teve o nome de Rua das Flores.

Esta rua era curta, finalizando na chacinha denominada Portãozinho, tendo sido aberta em 1853.

Anteriormente a esta, entre os anos de 1842 e 1845, abriu-se a Rua da Conceição, compreendida entre as ruas General Carneiro e Irmã Serafina. Bem assim foi aberta a atual Rua do C. Cipião, entre as do Regente Feijó e Comercio, no trecho que se chamava antigamente Rua das Formigas, desde a esquina da Rua do Portico para cima. No



Aspecto da rua General Osorio nos começos deste século, vendo-se as esquinas onde hoje se encontram o edificio Anchieta e Cine Voga. No primeiro plano as grandes casuarinas que ornamentavam o largo fronteiro ao Desinfectório Municipal, cujos fundos aparece à esquerda.

# HÁ 117 anos Campinas deixou de ser a Vila de São Carlos. Correio Popular, Campinas, 05 fev. 1959.

ano de 1865, abriu-se a Rua Boaventura do Amaral, entre as ruas do General Osorio e Conceição, quando derrubaram uma pequena casa, que existia no quintal do Alferes Luiz Gordo, onde é hoje o Largo Carlos Gomes. O prolongamento da Rua Boaventura do Amaral, entre as de Ferreira Penteado e S. Carlos, foi aberto no ano de 1874 ou 1875.

A Camara vendeu parte do Largo Carlos Gomes, a que era brejo, para ser alinhada a Rua Irmã Serafina, onde madame Cases tem um terreno. A parte vendida a que me refiro, foi, depois, do Sr. Francisco de Campos Andrade. Releva notar-se que o alinhamento dessa rua não ficou em reta, por ter a Camara cedido a parte onde estão as casas do Sr. Joaquim Teixeira, bem como o terreno que foi do Roso, o do Sr. José Julio e de outros proprietários.

## A RUA IRMÃ SERAFINA E OUTRAS

A Rua Irmã Serafina alargou-se mais nas proximidades da Misericórdia, por ter eu, como proprietário, cedido, para a dita rua, parte de um terreno que lhe ficava junto. O terreno em que está edificado a Misericórdia foi doação que lhe fez D. Maria Felicissima de Abreu Soares, que o houve por compra feita a Manuel Alves de Barros Cruz, que também o houvera por herança. Em não muito remoto tempo mandou a Camara abrir a Rua do Caracol, entre o supra referido terreno e o que pertence a Manuel Ramos, hoje de Francisco Duarte, Dr. Augusto Rodrigues de Mello e outros. Essa rua ficou muito estreita e muito

fôra do alinhamento, devido ao arruador Francisco Ferreira Pires, que era si não me engano, o procurador da Camara nesse tempo.

Pelo mesmo tempo, resolveu a Camara vender todo o terreno denominado Cambuysal, onde é hoje o Jardim Publico, bem como os que lhe ficam além, onde ha diversas chacaras, acima da Rua Antonio Cesarino, reservando-se, porém, o que foi do Sr. Francisco de Campos Andrade, anteriormente fechado.

Foi depois aberta a Rua do Coronei Quirino, em direção a Santa Cruz; Antes de ser aberta, existia uma estrada ali, antigamente, nos fundos das chacaras do Dr. Sampaio, do Lourenço Guedes e do terreno do comendador Soares, entre as chacaras do Sampaio e do Claudino, hoje do Sr. Francisco Bueno e do Sr. Rodovalho.

Quanto aos terrenos para os lados da Estação, tenho a dizer que a chacara, hoje pertencente a D. Guilhermina B. dos Santos Cruz, foi pela Camara vendida ao finado Evaristo, desde o chafariz chamado do Serafim até a Rua Alegre. Essa chacara foi pelo proprietário formada e depois posta em rifa, cabendo o bilhete premiado a mesma D. Guilhermina em sociedade com Joaquim Theodoro Alves. Este vendeu a parte que lhe tocou a sua avó D. Anna Esmeria da Cruz. A Rua Alegre já existia, porém, sem nome, assim como a continuação da Rua Culto a Cienzia. A chacara, onde esta o atual Ginasio foi do Tenente Antonio Rodrigues de Almeida, que a vendeu á Associação Culto a Cienzia. A Rua Rio Branco, que



Senta e oito anos depois de sua fundação, ao elevar-se à categoria de cidade, Campinas ainda possuía a mesma igreja matriz, em a mesma aparência modesta de sua inauguração, 25 de Julho de 1842.

não tinha nome, ficou pelo povo, conhecida pelo nome de Rua de S. João, por ficar-lhe próxima a casa de João Felipe, onde se fazia todos os anos a festa daquele Santo. A rua de João Felipe foi denominada Saldanha Marinho, depois da inauguração da Estrada de Ferro Paulista, assim como Onze de Agosto teve este nome em recordação de ter-se nesse dia a inauguração.

#### RUA ANDRADE NEVES

Dai data a abertura da Rua Andrade Neves, bem como quase toda a edificação da Rua Treze de Maio. A Rua do Bom Jesus, que teve o mesmo incremento da Rua Treze de Maio,

quanto ao tempo da sua edificação, só chegava até a Rua Saldanha Mario, onde havia o Matadouro, que se chamava nesse tempo Curral.

O sitio, onde existia o Curral era considerado Campo; este Curral era onde existe justamente hoje a propriedade e residência do Sr. Antonio Lapa.

Na Rua Saldanha Marinho, onde está hoje o predio do Hotel Paulista, existia um terreno, em campo aberto, do Sr. Damaso Xavier da Silva. Muito abaixo, no fim da cidade, por esse lado, havia uma casinha em que morava o Sr. Furões, Oficial de Justiça, e mais além, um mi-

rante do finado José da Luz, onde é a casa dos herdeiros do Sr. José de Camargo Penteado. De frente desta casa morava o estancieiro Ricardo. Tais eram as ultimas moradias da Rua da Constituição, hoje Dr. Costa Aguiar. Entre as Ruas Saldanha Marinho e Onze de Agosto, havia uma grande escavação, devido a dali tirarem muita terra para com ela socar-se a taiparia do sobrado de D. Thereza Pompeu. Para melhor consistencia das taipas, foi essa terra misturada com outra que retiraram do Largo do Mercado Grande. O referido terreno, para os lados da Estação, foi vendido na ex-

tensão de uma quadra ao Sr. Francisco de C. Penteado, que o arrematou em hasta publica por 200\$000, achando-se hoje todo rodeado de predios que produzem grandes lucros.

Mais abaixo, na rua Alegre, atualmente Senador Saraiva, havia 2 terrenos em aberto, em frente um do outro, hoje ocupados pelas casas em que estão a relojoaria "Relógio de Ouro" e um Restaurante. Na Rua José Paulino, antiga das Flôres, esquina da Ferreira Penteado, existia também um grande terreno em aberto, onde se acha hoje a casa do Sr. Antonio de Godoy. A ultima casa da rua de S. Carlos, era a pertencente ao finado Francisco Krug. A Rua Duque de Caxias, da Rua das Flôres para cima, era tudo campo, nas proximidades da Rua de São Carlos.

Parte destes terrenos cedeu a Camara á Irmandade do SS. Sacramento, para pateo do cemitério da Irmandade. Este cemitério foi feito em campo aberto, sendo inaugurado em 1866. O primeiro corpo ali sepultado foi o de uma irmã do Sr. José de Campos Salles, o segundo foi o de Custodio Manuel Alves, a 19 de Setembro de 1866; o ultimo foi o do Dr. José Bonifacio da Silva Pontes, presidente da Camara, o qual muito cooperou para a mudança do cemitério para o Fundão.

Ha tempos, houve um hospital de morfeticos, nas proximidades do Largo Ramos de Azevedo, e — outro proximo á Estação, nas vizinhanças da Rua Francisco Theodoro.

Dentro dos terrenos da Estação houve o cemitério dos Protestantes e nas proximidades deste o Cemitério Publico e o das Almas. Adiante deste, na baixada da estrada de Itú, existia um hospital de morfeticos, onde ha hoje uma Capela, que não conheço e, mais abaixo, o Matadouro, nas proximidades do Piçarrão. Passando-se por este vai-se ter ás povoações da Ponte Preta e do Fundão, Bairros da atualidade e de todos conhecidos..."

# **NOMENCLATURA DE RUAS E PRAÇAS**

Sugestivo, sem duvida, quando se compara os nomes de ruas e praças atuais com os antigos. Pode-se ter uma idéia de como a nomenclatura definia, sempre muito bem a rua, ou a praça, indicando sempre alguma particularidade que a caracterizava. Eis alguns destes nomes:

Rua da Pinga: Rua de Santa Cruz — Rua do Cambuíal: Augusto Cezar — Rua da Formiga: Antonio Cezarino — Rua da Boa Vista: Padre Vieira — Rua do Chafariz: Boaventura do Amaral — Rua do Brejo: Timã Serafina — Rua de Baixo: Guztana — Rua do Meio: Dr. Quirino — Rua de Cima: Barão de Jaguará — Rua do Rosario: Fco. Glicerio — Rua da Matriz Nova: Regente Feijó — Rua das Flores: José Paulino — Rua do Teatro: José de Alencar — Rua Deserta: Alvares Machado — Rua Alegre: Senador Saraiva — Rua de S. João: V. do Rio Branco — Rua do Matadouro: Saldanha Marinho — Rua do Campo: 11 de Agosto — Rua da Ponte: Major Solon — Rua do Alecrim: 14 de Dezembro — Rua do Imperador: Marechal Deodoro — Rua da Matriz Velha: Barreto Leme — Rua do Caracol: Benjamin Constant — Rua da Cadeia: Bernardino de Campos — Rua das Casinhas: General Osorio — Rua do Bom Jesus: Campos Salles — Travessa do Gois; Cesar Bierrenbach — Rua de S. José: 13 de Maio — Rua da Constituição: Costa Aguiar — Rua do Portico: Ferreira Penteado — Rua das Campinas Velhas: Moraes Sales — Rua do Tanque: C. Cipião — Praça do Comercio: Largo de S. Cruz — Campo da Alegria: Largo São Benedito — Praça da Independência: Praça do Pará — Praça do Passeio: Praça Carlos Gomes — Campo do Chafariz: Praça Correia de Melo — Praça da Matriz Nova: José Bonifacio — Largo da Matriz Velha: Praça Bento Quirino — Pateo do Rosario: Praça Visconde de Indaibatuba.

HÁ 117 anos Campinas deixou de ser a Vila de São Carlos. Correio Popular,  
Campinas, 05 fev. 1959.

No princípio, foi pouso. Bêção. Crisma de paz. De longe, chegavam eles, os caminantes para o sertão. Nos olhos, as labaredas, no corpo todo, assim como a sinuosa serpente que não dá trégua, mas que aperta, que afoga, que exaure. Estradas, boqueirões, desvãos, da serra e, então, de repente, larga e arejada na planície, a gleba das Campinas de Mato Grosso...

Que bem, descansar ali!

E eram, à noite no céu alto e companheiro as estrelas curiosas e ovintes; e era o calor vindo da terra como de um lar amigo; e era a brandura da claridade a descer sobre tudo, como espírito benfaze-

jo a tranquilizar, a consolar, a adormecer. Era Campinas, — e já era um bem.

Depois chegou, um dia, o homem austero de Taubaté, Francisco Barreto Leme. Apecebeu-se da terra como quem conhece as linhas da própria mão. E como dizem que nestas se reflete a vida o velho homem percebeu na terra graciosa de sua escolha o germe da cidade futura, anteviu as menses perenes do pão de cada dia, apresentou o sossêgo que o trabalho concede após o quente suor por sobre os sulcos e as leiras promissoras.

Era Campinas, — e já era o pão! E veio, um dia, o homem da esperança em Deus, aque-

le cujos pés anunciavam a paz, — Frei Antônio de Pádua.

Foi a primeira missa. Por sobre os campos, sobre as águas e sobre os telhos, elevaram-se os louvores do Evangelho: a alegria, a esperança, a senha da Face Eterna, o reino sem fim nem princípio, reino místico e promissor como a sombra de Melquisedec. E chegaram, depois, as capelas, criaram-se as devoções, as festas, as almas reunidas.

Era Campinas, — e era já a procura de Deus!

E veio Vila e veio a Cidade.

Vieram os homens que lançariam na terra, como seguramente — espírito, a senha dos grandes empreendimentos.

Um dia chegou a estrada de ferro, e Campinas abriu as portas à civilização, — porque não foi a Estrada que civilizou a cidade, mas foi a cidade que civilizou a Estrada, pois Campinas era alma...

E foram os teatros, e veio a Imprensa, e chegaram os Colégios, a Iluminação, os Transportes, — e um dia Campinas carregou Sara Bernhardt.

A banda de Maneco Musico, — e Carlos Gomes, como uma centelha, um elétron de poderosa vida, pôde reconhecer, como antena imantada, os cantos anímicos do solo, a voz das criaturas, o pensamento mesmo das florestas.

— Senhores, falo do Brasil no complexo puro das

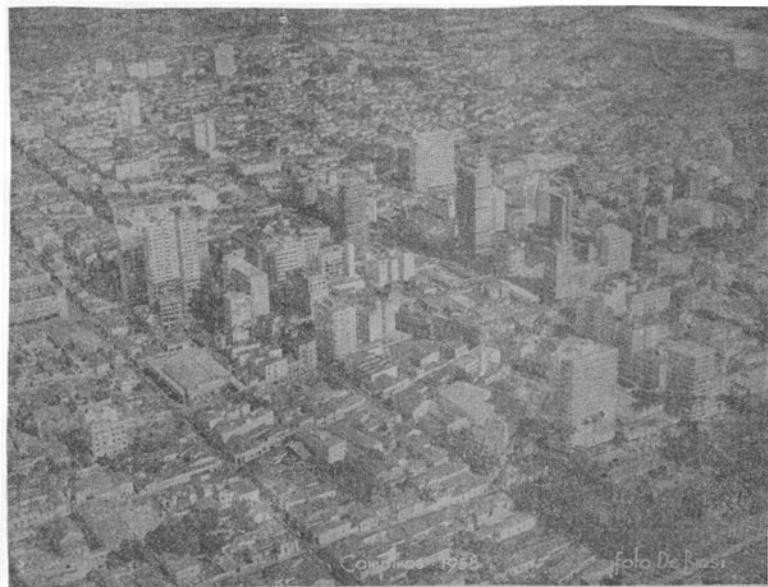
Américas!" Era César Bierrenbach, voz serena que ficaria com a lenda.

Império, República, homens, caracteres, — Campinas, cujo poderoso espírito as doenças não abateram, as crises não desacorçoaram, os desanimos não minaram, mas a Fé dinamizou para sempre.

Dessa fé, dessa certeza, dessa chama de eterno poder criador, desse impercível trovão interior que ressoa, como dinamo, na alma de todos os que lutam, de todos os que trabalham, de todos os que esperam, de todos os que sonham, — Campinas continua e germina sempre, Campinas é uma fornalha viva no "fiat" biológico da civilização!



Vista do Largo do Rosário em 1838. Ao fundo, à direita, a igreja do Rosário, sem as torres, demolidas no ano anterior por se acharem em ruínas.



CAMPINAS, 1958: VOLÚPIA DE PROGRESSO: (Foto De Biasi).